

A REBOQUE DA

Não é só na esfera federal que o crescimento está garantindo votos. O bom desempenho econômico também contribui para a reeleição de vários governadores

ECONOMIA

Guilherme QUEIROZ

A mais recente pesquisa do instituto Datafolha mediu a popularidade de diversos governadores em campanha pela reeleição. No topo da lista, desponta o de Pernambuco, Eduardo Campos, do PSB, à frente de uma gestão avaliada como ótima ou boa por 62% dos pernambucanos, o que o torna franco favorito para vencer a disputa no primeiro turno. Sua plataforma eleitoral? A economia. E com resultados para ostentar. Nos últimos anos, Pernambuco recebeu três dos maiores investimentos em curso no país. Na terça-feira 17, o presidente Lula inaugurou no Estado a fábrica de dormentes para a ferrovia Transnordestina. Campos não compareceu, por conta das restrições da lei eleitoral, mas foi citado no palanque. Somados, o Porto de Suape, a refinaria Abreu e Lima e o Estaleiro Atlântico Sul trouxeram um aporte de R\$ 20 bilhões para a segunda maior economia do Nordeste, com previsão de 78 mil novos empregos diretos e indiretos com carteira assinada. Isso equivale à metade dos postos formais criados no Estado desde 2007 e impacta diretamente na sensa-

ção de bem-estar da população. Como mostra o desempenho do governador na campanha ao Palácio das Princesas, cifras e números de uma economia pujante têm um alto poder de atração de votos para o 3 de outubro.

Uma análise do quadro econômico dos Estados onde governadores disputam a reeleição comprova a influência da economia no voto do eleitor.

"Existe uma clara sincronia entre a renda e o desempenho eleitoral. No Nordeste, a renda média cresceu dois pontos acima do restante do Brasil", diz o economista Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da FGV. A exemplo de Eduardo Campos, os governadores Jaques Wagner, do PT, da Bahia, e Cid Gomes, do PSB, do Ceará, lideram as corridas em seus Estados, com 45% e 49% das intenções de voto. Importantes destinos turísticos, Ceará e Bahia vivem um boom imobiliário sem precedentes. A expansão da construção civil transformou a Bahia no maior polo empregador da região, com 71 mil empregos criados em 2009, um recorde nordestino.

Os três governadores se beneficiam ainda da aliança com o presidente Lula. Entre 2008 e 2010, o gover-

A chance de **reeleição no primeiro turno** é maior nos Estados que receberam as maiores verbas do PAC, como o Rio de Janeiro, que terá **R\$ 118 bilhões**



Quem vai bem

CEARÁ

Cid Gomes
49% das intenções de voto.
 O Estado vive um boom imobiliário e o Porto de Pecém recebe **R\$ 571 milhões** para ampliação



ECONOMIA

RIO DE JANEIRO

Sérgio Cabral
53% das intenções.
 Com as contas públicas saneadas, o Rio tem **R\$ 118 bilhões** em investimentos no PAC e obras para sediar a Olimpíada de 2016



PERNAMBUCO

Eduardo Campos
62% das intenções de voto.
 Investimentos no Porto de Suape, no estaleiro Atlântico Sul e na refinaria Abreu e Lima superam **R\$ 20 bilhões**



SÃO PAULO

Geraldo Alckmin
54% das intenções de voto.
 Além da inauguração do Rodoanel e da expansão do Metrô, a Nota Fiscal Paulista aumentou a arrecadação do ICMS em **R\$ 1,5 bilhão**

ECONOMIA

no empenhou R\$ 3,5 bilhões para a Bahia, R\$ 2,9 bilhões para Pernambuco e R\$ 2,2 bilhões para o Ceará. Só perdem para os volumes repassados a São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, os mais populosos do País. Os governadores também mostraram habilidade para atrair empreendimentos de vulto. Eduardo Campos viu a Petrobras encomendar a construção de 15 navios petroleiros ao Estaleiro Atlântico Sul, em Suape. O Ceará irá receber uma das três novas refinarias da empresa. Outro destino de investimentos bilionários é o Rio de Janeiro, onde o governador Sérgio Cabral, do PMDB, lidera a corrida com 53% das intenções. Com R\$ 118 bilhões do PAC, Cabral foi beneficiado pela conquista da Olimpíada de 2016, que deve garantir melhoras na infraestrutura e no setor de serviços.

Se o desempenho da economia pode impulsionar uma candidatura, a estagnação pode sepultá-la. **Caso mais emblemático é o da governadora do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius, do PSDB. Ao assumir o mandato, em 2007, ela reestruturou a dívida e viu a GM anunciar um investimento de R\$ 2 bilhões em Gravataí. Mas passou seu mandato fustigada por denúncias de corrupção.** Hoje tem apenas 16% das intenções de voto, num amargo terceiro lugar. "Talvez, com o tempo, ela consiga recuperar sua imagem e reivindicar a herança que deixa", avalia o cientista político Valeriano Ferreira Costa, da Unicamp. O mesmo pode não ocorrer para a governadora do Pará, Ana Júlia Carepa, que comprou brigas com o agronegócio, um dos

E quem vai mal

PARÁ

Ana Júlia Carepa
23% das intenções, em terceiro lugar. Considerada a pior governadora do País, em 2008, Carepa tem taxa de rejeição de 59% e conflitos com o setor agropecuário.



RIO GRANDE DO SUL

Yeda Crusius

16% das intenções, em terceiro lugar. Zerou o maior déficit estadual do País e atraiu investimentos, mas viu seu governo acuado por denúncias de corrupção e falta de apoio político.

setores mais importantes da economia local, e chega à campanha com sua rejeição beirando os 60%. Ou para o governador de Alagoas, Teotônio Vilela Filho, do PSDB, impedido de investir por uma dívida pública que consome 15% das receitas do Estado.

Há ainda os candidatos que tentam se beneficiar da boa herança deixada pelos antecessores. São os casos do tucano Geraldo Alckmin, em São Paulo, e do peemedebista Omar Aziz, líderes nas corridas em São Paulo e no Amazonas. Alckmin já foi governador

Paulista, tem 54% das intenções de voto, e pode vencer já no primeiro turno. Ele concorre representando a continuidade de um governo que tem como legado o Rodoanel – um investimento de R\$ 5 bilhões – e a expansão do Metrô. Se eleito, assumirá um governo marcado pelo aumento na arrecadação, puxada em parte pela Nota Fiscal Paulista, iniciativa que caiu no gosto do contribuinte e somou R\$ 1,5 bilhão em tributos desde 2007. "O paulista está acomodado. Quer um governo conservador, que não traga grandes mudanças", analisa Valeriano Ferreira Costa. Vice do ex-governador Eduardo Braga, Aziz foi parte do governo em que a Zona Franca de Manaus se tornou um gigante que emprega 106 mil pessoas e deve faturar US\$ 30 bilhões este ano. "O eleitor quer claramente um voto de continuísmo em 2010", diz o economista Marx Alexandre Gabriel, sócio da MB Consultoria. **IS**

Tendência de continuísmo só não impera nos Estados marcados por **escândalos de corrupção** ou por brigas dos governadores com o setor produtivo local